

Aprendizagem interorganizacional em Arranjo Produtivo Local: proposição de esquema conceitual analítico

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2018.45.26-43>

Recebido em: 19/4/2017

Aceito em: 26/6/2018

Anelise Rebelato Mozzato¹, Claudia Cristina Bitencourt²

RESUMO

As relações interorganizacionais ganham espaço na economia mundial, dentre as quais se destacam os Arranjos Produtivos Locais (APLs). Em tais configurações, as relações estabelecidas entre os diferentes agentes tendem a resultar em interação e aprendizagem, exigindo melhor compreensão do processo da aprendizagem interorganizacional (AIO), que se torna tema relevante de investigação, sobretudo por se tratar de um fenômeno complexo, emergente e ainda em formação, principalmente em APLs. Este ensaio teórico de natureza argumentativa tem, portanto, como objetivo, apresentar um esquema conceitual analítico para melhor compreensão do processo da AIO em contexto de APL. Essa proposta poderá ser útil para diversas configurações que mantêm relações interorganizacionais horizontais, sobretudo APLs, em razão do direcionamento para tal. Acredita-se estar colaborando para a melhor compreensão e o desenvolvimento da AIO nos mais diferentes APLs existentes, trazendo vantagens principalmente para as micro e pequenas empresas, possibilitando, também, a intensificação do desenvolvimento socioterritorial, e não apenas com o olhar econômico. Assim, entende-se que as contribuições aqui apresentadas podem permitir avanços, estabelecer novas fronteiras e abrir novas linhas de pesquisas.

Palavras-chave: Aprendizagem interorganizacional. Arranjo produtivo local. Relações interorganizacionais.

INTERORGANIZATIONAL LEARNING IN SPATIAL AGGLOMERATION: PROPOSITION OF ANALYTICAL CONCEPTUAL SCHEME

ABSTRACT

Interorganizational relationships are gaining ground in the global economy, among which stand out the spatial agglomeration. In such settings, the relations among the different agents result in interaction and learning, requiring better understanding of the process of interorganizational learning (IOL), which becomes relevant topic of research, mainly because it is a complex emerging and still in development stage phenomenon, especially in spatial agglomeration. Therefore, this theoretical essay aims to present an analytical conceptual scheme for a better understanding of the IOL process in the context of spatial agglomerations. This proposal may be useful for several organizational configurations that maintain horizontal interorganizational relations, especially spatial agglomerations. We believe this paper contributes towards a better understanding and development of IOL in many different existing spatial agglomerations, bringing benefits particularly for micro and small businesses, also enabling the intensification of socio-territorial development, and not only with the economic view. Thus, it is understood that the contributions presented here may allow progress, establish new borders and open new lines of research.

Keywords: Interorganizational learning. Spatial agglomerations. Interorganizational relationships.

¹ Doutora em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Passo Fundo (UPF). anerebe@upf.br

² Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). claudiacb@unisinos.br

As relações interorganizacionais ganham espaço na economia mundial, dentre as quais se destacam os Arranjos Produtivos Locais (APLs). Os APLs são entendidos como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais que apresentam vínculos entre si, mesmo sendo intensos ou fracos, nas suas variadas formas de representação e associação (LASTRES; CASSIOLATO, 2006). Nessa lógica, um APL surge espontaneamente em razão da existência de aglomerados de empresas/indústrias especializadas em alguma atividade específica, que mantém relações de cooperação, mas não necessariamente existem.

Partindo da premissa da existência de cooperação em um APL, as relações estabelecidas entre os diferentes agentes podem resultar em interação e aprendizagem. Assim, a melhor compreensão do processo da aprendizagem interorganizacional (AIO) se torna tema relevante de investigação, sobretudo por se tratar de um fenômeno complexo e emergente (ESTIVALETE; PEDROZO; BEGNIS, 2008; MOZZATO; BITENCOURT, 2014, 2018; LIU, 2015) e ainda em formação (INKPEN; TSANG, 2007), sobretudo em APLs (REIS, 2008; MOZZATO; BITENCOURT, 2014).

A complexidade e a diversidade conceitual que permeiam os estudos sobre AIO não são negadas (KNIGHT; PYE, 2005; ENGSTRÖM; KEROSUO, 2007; ESTIVALETE; PEDROZO; BEGNIS, 2008; MOZZATO; BITENCOURT, 2014). Powell (1998) trata da questão da aprendizagem por meio da colaboração (*collaborative learning*) no sentido das relações interorganizacionais. Lane e Lubatkin (1998) utilizam a nomenclatura aprendizagem interativa (*interactive learning*). Larsson et al. (1998) trabalham com a aprendizagem coletiva (*collective learning*), termo mais utilizado na literatura econômica. Lubatkin, Florin e Lane (2001) discorrem sobre a aprendizagem recíproca (*reciprocal learning*) e Morh e Sengupta (2002) sobre a aprendizagem interfirma (*inter-firm learning*). Knight (2002) trabalha com o aprendizado em rede (*network learning*) e Child (2001) e Inkpen e Tsang (2007) com aprendizagem em alianças (*alliance learning*).

Dada a pluralidade de conceitos, sobretudo as sobreposições e tênues diferenciações, adota-se a terminologia aprendizagem interorganizacional – AIO (*interorganizational learning – IOL*). Diante de tal opção, destaca-se, no decorrer do trabalho, o conceito delineado por Greve (2005). Os estudos sobre a AIO são assinalados como limitados em diferentes configurações interorganizacionais, incitando a necessidade da ampliação do escopo de análise (DIERKES et al., 2001; EASTERBY-SMITHN; LYLES, 2003; GREVE, 2005; ENGSTRÖM; KEROSUO, 2007; INKPEN; TSANG, 2007; NOOTEBOON, 2008; CROSSAN; MAURER; WHITE, 2011; MOZZATO; BITENCOURT, 2014, 2018; NOGUEIRA; ODELIUS, 2015), o que já justifica este trabalho propositivo.

Diante das pluralidades delineadas, o presente trabalho tem como foco o processo da AIO em contexto APL, entendendo-o como parte de um *continuum* da aprendizagem organizacional (AO), contribuindo no avanço do conhecimento existente sobre AO nos estudos organizacionais, uma vez que contempla o plano de análise menos explorado, o interorganizacional. Contribui, ainda, para com o progresso do entendimento das relações interorganizacionais, mais especificamente, aqui, os APLs.

Dado o exposto, questiona-se: “Com base nos relacionamentos interorganizacionais estabelecidos entre os diferentes agentes num APL, como o processo da AIO pode ser analisado? Ante a questão, este ensaio teórico, de natureza argumentativa, tem

como objetivo apresentar um esquema conceitual analítico para melhor compreensão do processo da AIO em contexto de APL, tendo como ênfase os relacionamentos interorganizacionais estabelecidos em tais configurações.

Para tanto, parte-se de uma revisão bibliográfica utilizando a base internacional Web of Science e as nacionais Spell e Scielo, empregando-se as palavras aprendizagem interorganizacional e arranjos produtivos locais nas bases nacionais e *interorganizational learning*, *local productive arrangement* e *spatial agglomeration* na busca internacional, como palavras de busca no resumo dos artigos. O período considerado para a busca foi de 1990 a 2016. Nessa busca, 590 artigos foram localizados, sendo a minoria com o tema aprendizagem interorganizacional (117 textos). Ainda, a maioria dos artigos (425) são resultados de pesquisas internacionais. Por mais que no século passado (20) alguns artigos internacionais tenham sido produzidos com as palavras-chave pesquisadas, constituindo-se em sua maioria nos clássicos das temáticas, no Brasil a produção começa somente a partir desse século (21), sobretudo após o ano de 2005.

Na sequência, o referencial teórico que embasa esta pesquisa é apresentado, concentrando-se em dois eixos temáticos: contexto das relações interorganizacionais e AIO, sobretudo em APLs. Com base na pesquisa nas bases de dados supracitadas, culminando no estado da arte, a lacuna teórica ficou evidenciada, possibilitando também a proposição do constructo para o processo da AIO. Desse modo, o framework para a compreensão da AIO em contexto de APL é proposto após a validade do constructo com especialistas e pesquisa exploratória junto ao APL de Gemas e Joias do Rio Grande do Sul. Finalizando, expõem-se as considerações finais com direcionamentos para novos estudos.

CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERORGANIZACIONAIS EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

Desde 1980 tem havido proliferação de alianças estratégicas de diferentes formas, sobretudo a partir da década de 90, quando se verifica crescente número de organizações que passam a apresentar novas configurações envolvendo relacionamentos interorganizacionais com diferentes agentes (empresas, universidades, associações, etc.) (DACIN; REID; RING, 2008). Inclusive, estudos teóricos e empíricos referentes às alianças estratégicas têm aumentado ao longo desses anos (VERSCHOORE FILHO et al., 2014).

Por relações interorganizacionais entendem-se as transações, os fluxos e as ligações relativamente duradouras que ocorrem entre uma organização e uma ou mais organizações no seu ambiente (OLIVER, 1990). Como bem pontuam Leão et al. (2013, p. 42), “a necessidade das empresas de fortalecer as relações interorganizacionais se faz urgente, tendo em vista o melhor aproveitamento das potencialidades oferecidas pelas ações coletivas”.

Torna-se pertinente destacar, portanto, que as estratégias de cooperação podem melhorar o desempenho das organizações, mesmo que não se negue a competição (AMATO NETO, 2000; ZACCARELLI et al., 2008; VERSCHOORE FILHO; WEGNER; BALESTRIN, 2015). A cooperação constitui-se em importante fonte geradora de vantagem competitiva (EBERS; JARILLO, 1998; CASSIOLATO; LASTRES, 2003; MUTHUSAMY; WHITE, 2005; BALESTRIN; VERSCHOORE, 2008; ZAHEER; GÖZÜBÜYÜK; MILANOV, 2010; CAPDEVILA, 2015; VERSCHOORE FILHO et al., 2016). Dentre as evidências favoráveis a tais es-

estratégias, destaca-se que as relações estabelecidas entre os diferentes agentes resultam em interação e aprendizagem, sobretudo a *learning-by-interacting* (LUNDVALL, 1992; HIBBERT et al., 2010).

Aglomerações produtivas que trabalham de forma colaborativa têm evidenciado ganhos aos diferentes agentes econômicos envolvidos, culminando na “eficiência coletiva” (SCHMITZ, 1995). Em consonância, Jorde e Teece (1989) destacam que tais configurações possibilitam o aumento do acesso a novos conhecimentos, facilitando a AO, o acesso às novas tecnologias e o processo de inovação. Também Ebers e Jarillo (1998) pontuam que a adoção de estratégias coletivas gera e sustenta vantagens competitivas, tais como a aprendizagem mútua, a coespecialidade, o melhor fluxo das informações, além das economias de escalas por meio de investimentos conjuntos. Dentre as vantagens competitivas, também Dyer e Singh (1998) destacam o compartilhamento de conhecimento.

Estudos mais recentes também seguem esta linha de pensamento, a exemplo: o estudo de Frozza e Tatsch (2013), que demonstra a relação e a importância entre a inovação, a cooperação e a aprendizagem nas empresas pertencentes a um APL; os estudos de Vizeu, Guarido Filho e Gomes (2013) e Alvarenga et al. (2013), que apontam a necessidade de olhar dimensões (sociais, ambientais e sustentáveis) que criam valor para além do capital, não apenas econômico; em sentido semelhante, a pesquisa empírica realizada por Souza et al. (2015) destaca que as inter-relações entre as empresas, principalmente as de menor porte, interferem no fortalecimento destas, facilitando a sobrevivência e a geração de renda e empregos; o estudo de Tahim e Araújo Junior (2015), que teve por objetivo demonstrar a importância das aglomerações para a geração de vantagens competitivas para as micro e pequenas empresas, principalmente em APLs, destacando a influência nos mecanismos da aprendizagem, cooperação e inovação; também, a pesquisa realizada por Verschoore Filho et al. (2016), assinala que as redes estratégicas regionais evidenciam a aprendizagem, a inovação e o poder como ganhos, sobretudo quanto mais avançada é a gestão.

Mesmo existindo tipologias diferenciadas de aglomerações produtivas (*Clusters, joint ventures, APLs, polos*, entre outras), estas, cada uma com as suas peculiaridades, trazem ganhos aos diferentes agentes que mantêm relações interorganizacionais colaborativas, constituindo-se em alternativa viável aos envolvidos. Não se nega, entretanto, o ciclo de vida de cada participante, inerente à dinâmica de cooperação nas relações interorganizacionais (WEGNER et al., 2016).

Existem aspectos inerentes a mais de um tipo de aglomeração produtiva, enquanto outros são diferenciadores. Não negando isso, este trabalho tem como foco os APLs e as suas particularidades. Os APLs compõem-se num tipo de aglomerado produtivo que facilita e é facilitado por meio da cooperação entre os diferentes agentes, justamente por promover o envolvimento entre agentes econômicos, políticos e sociais (LASTRES; CASSIOLATO, 2003).

Lastres e Cassiolato (2006), de modo resumido, ressaltam que APL consiste num conjunto de empresas que mantêm vínculos tangíveis e intangíveis entre si, fracos ou intensos, configurando-se em aglomerações espaciais. Os APLs constituem-se, portanto, em alianças colaborativas estabelecidas em busca de estratégia competitiva. Em sentido semelhante, Villela e Pinto (2009, p. 1.075) tratam os APLs como:

Aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividade econômica, que apresentam vínculos, mesmo que incipientes. [...] Incluem, também, diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para a formação e a capacitação de recursos humanos (tal como escolas técnicas e universidades), pesquisa, desenvolvimento e engenharia, política, promoção e financiamento que irão se articular para constituir a governança do local.

Diante de diferenciadas conceituações para APLs, enfatiza-se que, apesar de análogas, não são isentas de controvérsias. Utiliza-se, todavia, como base neste trabalho, a conceituação proposta por Lastres e Cassiolato (2003, 2006), que se constitui como base para as pesquisas realizadas pela RedeSist (2003). Tal escolha deve-se, sobretudo, ao fato de ser uma conceituação abrangente, bem-difundida e aceita em estudos sobre APLs tanto no Brasil quanto em outros países. Então, o conceito de APL adotado diz respeito a aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais que apresentam vínculos entre si, mesmo sendo intensos ou fracos, nas suas variadas formas de representação e associação.

Ainda, segundo Lastres e Cassiolato (2003, 2006), os APLs permitem auxiliar na superação de problemas tratados por abordagens tradicionais (individualização) que se mostram crescentemente insuficientes e, por vezes, até inadequadas; tal configuração não focaliza apenas as unidades produtivas individuais ou apenas a abordagem setorial ou de cadeias produtivas, em razão de se considerar como importantes as especificidades das diferentes atividades e da localidade. Os APLs, entretanto, são vistos não somente a partir dos recursos e potencialidades nele existentes, mas também como campo de forças, determinadas a partir de como se organizam as relações sociais em determinado espaço geográfico.

Com base no papel e na importância dessas aglomerações produtivas, percebe-se que o aproveitamento das sinergias geradas aumenta consideravelmente as chances de sobrevivência e crescimento dos APLs, gerando vantagens competitivas duradouras (AMATO NETO, 2000; CASSIOLATO; LASTRES, 2003) e também o desenvolvimento local (DIAS, 2011; VIZEU; GUARIDO FILHO; GOMES, 2013). Dentre tais vantagens, destaca-se a AIO.

APRENDIZAGEM INTERORGANIZACIONAL EM CONTEXTO DE ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

Entendendo a necessidade de ampliação do escopo de análise da AIO para o avanço do campo de conhecimento, enfatiza-se, como Larsson et al. (1998), a importância da AIO em razão de que aprendizagem não se apresenta apenas como motivo que impacta positivamente entre os diferentes agentes das aglomerações produtivas, mas também como necessária para que ocorra eficácia na cooperação.

Como já apresentada a pluralidade de conceitos na introdução deste texto e a adoção da terminologia aprendizagem interorganizacional – AIO (interorganizational learning – IOL) –, destaca-se o conceito da AIO delineado por Greve (2005, p. 1.026): “é uma forma distinta de aprendizado porque a organização aprende com a experiência dos outros ao invés de suas próprias experiências”. Quando o autor afirma que na AIO se aprende com as experiências das outras organizações, quer dizer que a aprendiza-

gem ocorre nas e por meio das relações interorganizacionais, as quais podem ser no contexto de APL. A AIO é uma forma de aprendizagem, a qual acontece por meio das relações de cooperação entre diferentes agentes, melhorando e aumentando as bases de conhecimentos de cada envolvido, acrescentando potencial para criação de vantagem competitiva individual e a uma determinada configuração interorganizacional. Entende-se que as aglomerações viabilizam as relações de cooperação, que, por sua vez, ampliam a geração de vantagens competitivas, ocorrendo o aproveitamento das sinergias geradas (AMATO NETO, 2000; CASSIOLATO; LASTRES, 2003), inclusive em razão de que o processo da AIO é facilitado.

Em APLs, a aprendizagem se dá por meio da cooperação interorganizacional e, como refere Child (2001), a aprendizagem acaba sendo um resultado natural da cooperação. Lubatkin, Florin e Lane (2001) analisam os processos envolvidos na aprendizagem interfirmas, identificando como alternativa a criação de conhecimento e não somente a simples aquisição ou transferência de conhecimentos. No sentido proposto por Lubatkin, Florin e Lane (2001), os parceiros de uma aglomeração produtiva, além de aprenderem e melhorarem os seus respectivos conhecimentos, devem aprender a aprender junto com os parceiros, aprendendo a explorar novos conhecimentos interdependentes.

Hedberg e Holmqvist (2001) chamam a atenção para o fato de que a aprendizagem colaborativa entre os parceiros deve ser considerada quase sem limites, podendo haver, e até ser salutar, uma abrangência maior de nós e agentes nas relações interorganizacionais. Assim, quando as empresas se tornam aliadas, trabalhando em parceria, uma nova plataforma para a aprendizagem é adicionada: a interorganizacional. Quando as organizações fazem parte de aglomerações produtivas, as plataformas de aprendizagem se multiplicam.

Por mais que se entenda que há uma multiplicidade de elementos constitutivos ou moderadores da AIO e se tem ciência de que cada configuração interorganizacional possui as suas particularidades, define-se aqui seis elementos constitutivos. Tal definição é oriunda de pesquisas em múltiplas fontes que tratam da temática AIO. Como critério para a demarcação dos seis elementos constitutivos, considerou-se a redundância e a relevância na literatura correspondente, a ocorrência em casos empíricos e a validação junto a especialistas que estudam a temática aprendizagem e relações interorganizacionais.

Os elementos constitutivos da AIO (composição da AIO) facilitam o entendimento de sua ocorrência e do seu processo ao serem analisados nas atividades cotidianas ocorridas nos espaços sociais de aprendizagem, tanto estruturados (formais) como não estruturados (informais), espaços que proporcionam o estabelecimento de relacionamentos entre os diferentes agentes num APL, propiciando a ocorrência de “episódios de aprendizagem” (KNIGHT; PYE, 2005; MOZZATO; BITENCOURT, 2014).

Ainda que no Quadro 1 cada elemento constitutivo, para melhor compreensão do processo da AIO (constructo da AIO), seja elencado individualmente como categoria analítica, salienta-se a íntima relação entre eles. De tal modo, são divididos em subcategorias seguidas das definições e a base teórica correspondente.

Quadro 1 – Constructo para melhor compreensão do processo da AIO

CATEGORIAS ANALÍTICAS	SUBCATEGORIAS	DEFINIÇÕES	BASE TEÓRICA
<p>Confiança estabelecida entre agentes Consiste no compromisso mútuo estabelecido entre os diferentes agentes, refletindo a convicção de que há transparência nos relacionamentos e que a “verdade” será prezada, assegurando que as obrigações serão cumpridas.</p>	<p>Atitudes Confiáveis</p> <p>Atitudes Oportunistas</p>	<p>Incide em atitudes positivas por parte dos agentes, não ocorrendo a exploração de vulnerabilidades, o que gera confiança.</p> <p>Consiste em atitudes negativas por parte dos agentes, os quais se aproveitam de situações apenas em benefício próprio, o que gera desconfiança.</p>	<p>Larsson et al. (1998) Child (2001) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Muthusamy e White (2005) Bachmann e Zaheer (2008) Lui (2009) Hibbert et al. (2010) Bergh; Thorgren e Wincent (2011) Kirschbaum e Hoelz (2014)</p>
<p>Cooperação entre agentes Consiste em ações colaborativas nas relações interorganizacionais, havendo compromisso recíproco, contudo não se nega a coexistência da competição.</p>	<p>Atitudes Colaborativas</p>	<p>Incide em auxílio entre os agentes, existindo comprometimento recíproco.</p>	<p>Jorde e Teece (1989) Jarillo (1993) Brandenburger e Nalebuff (1996) Human e Provan (1997) Inkpen e Beamish (1997) Powel (1998); Larsson et al (1998) Ebers e Jarillo (1998) Amato Neto (2000) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Hardy, Phillips e Lawrence (2003) Cassiolato e Lastres (2003) Zaccarelli et al. (2008) Balestrin e Verschoore (2008) Zaheer, Gözübüyük e Milanov. (2010) Capdevila (2015) Verschoore et al. (2015) Wegner et al. (2016)</p>
	<p>Atitudes Competitivas</p>	<p>Diz respeito à competição entre os agentes, afetando o comprometimento mútuo.</p>	
<p>Interações sociais Consiste nas relações sociais estabelecidas em relacionamentos interorganizacionais.</p>	<p>Comunicação e mecanismos de informação</p>	<p>Diz respeito à existência de mecanismos que oportunizam o acesso às informações e facilitam a comunicação, promovendo um clima de abertura que promove a conectividade.</p>	<p>Larsson et al. (1998) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Child (2001) Balestrin e Verchoore (2008) Wegner (2011)</p>
	<p>Mecanismos de controle</p>	<p>Consiste na existência de controles explícitos e implícitos nos relacionamentos interorganizacionais.</p>	<p>Powell (1998) Huxham e Beech (2008)</p>
	<p>Poder nas relações</p>	<p>Diz respeito à assimetria ou simetria de poder entre os diferentes agentes, interferindo nos relacionamentos.</p>	<p>Larsson et al. (1998) Muthusamy e White (2005) Huxham e Beech (2008) Hibbert et al. (2010)</p>
<p>Proximidade social Diz respeito à maior identidade entre os diferentes agentes em relacionamento interorganizational, facilitando o estabelecimento de laços sociais mais fortes, dessa forma conduzindo à maior proximidade social.</p>	<p>Identidade entre agentes</p>	<p>Consiste na similaridade social, que compreende valores comuns, percepções compartilhadas e fatores contextuais similares. Pressupõe a compatibilidade cultural entre os agentes, reforçando a identificação e a conectividade.</p>	<p>Amato Neto (2000) Knight e Pye (2005) Inkpen e Tsang (2007) Zaccarelli et al. (2008) Wegner, Koetz e Wilk (2013).</p>
	<p>Laços sociais</p>	<p>Diz respeito às relações sociais estabelecidas entre os diferentes agentes em razão de laços de amizade e parentesco. Também incide a identificação e gosto pela tarefa e/ou setor de trabalho e tempo de atuação no mesmo, culminando em entendimento mútuo e compromisso recíproco.</p>	<p>Greve (2005) Nooteboon (2008)</p>

Interdependência Diz respeito à vinculação entre os diferentes agentes, podendo ser tanto referente aos objetivos quanto aos recursos ou complementaridade na realização das tarefas.	Objetivos compartilhados	Diz respeito aos objetivos comuns entre os diferentes agentes, evidenciando interesses convergentes.	Larsson et al. (1998) Lane e Lubatkin (1998) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Muthusamy e White (2005) Balestrin e Verschoore (2008) Wegner et al. (2017)	
	Recursos comuns	Está relacionado à interdependência de recursos entre os agentes e refere-se à partilha ou utilização conjugada de recursos (matéria-prima, equipamentos, tecnologias), havendo receptividade e trocas em razão das necessidades.	Human e Provan (1997) Gurisatti (1999) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Muthusamy e White (2005) Alves et al. (2010) Faccin e Balestrin (2015)	
	Complementaridade de tarefas	Consiste na interdependência entre os agentes no que tange à realização de tarefas conjuntas (práticas de negócios), havendo receptividade e trocas no sentido de complementar as tarefas.	Human e Provan (1997) Lane e Lubatkin (1998) Lubatkin, Florin e Lane (2001) Muthusamy e White (2005) Alves et al. (2010)	
Suscetibilidade para o aprendizado Está relacionada à possibilidade de aprendizado por parte dos diferentes agentes, ficando na dependência tanto da predisposição quanto da capacidade para aprender.	Receptividade para aprender	Consiste na vontade e no reconhecimento da necessidade de aprender, denotando predisposição para tanto.	Larsson et al. (1998) Child (2001) Greve (2005) Inkpen e Tsang (2007)	
	Capacidade absorptiva	Relaciona-se à capacidade de aprendizagem, ocorrendo a assimilação e a utilização de conhecimentos externos novos. Consiste em ir além da obtenção de informações, devendo ocorrer a capacidade de entendê-las e transformá-las em conhecimento.	Cohen e Levinthal (1990) Lane e Lubatkin (1998) Larsson et al. (1998) Lane, Salk e Lyles (2001) Muthusamy e White (2005) Nooteboon (2008) Schildt, Keil e Maula (2012) Müller-Seitz e Güttel (2013)	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

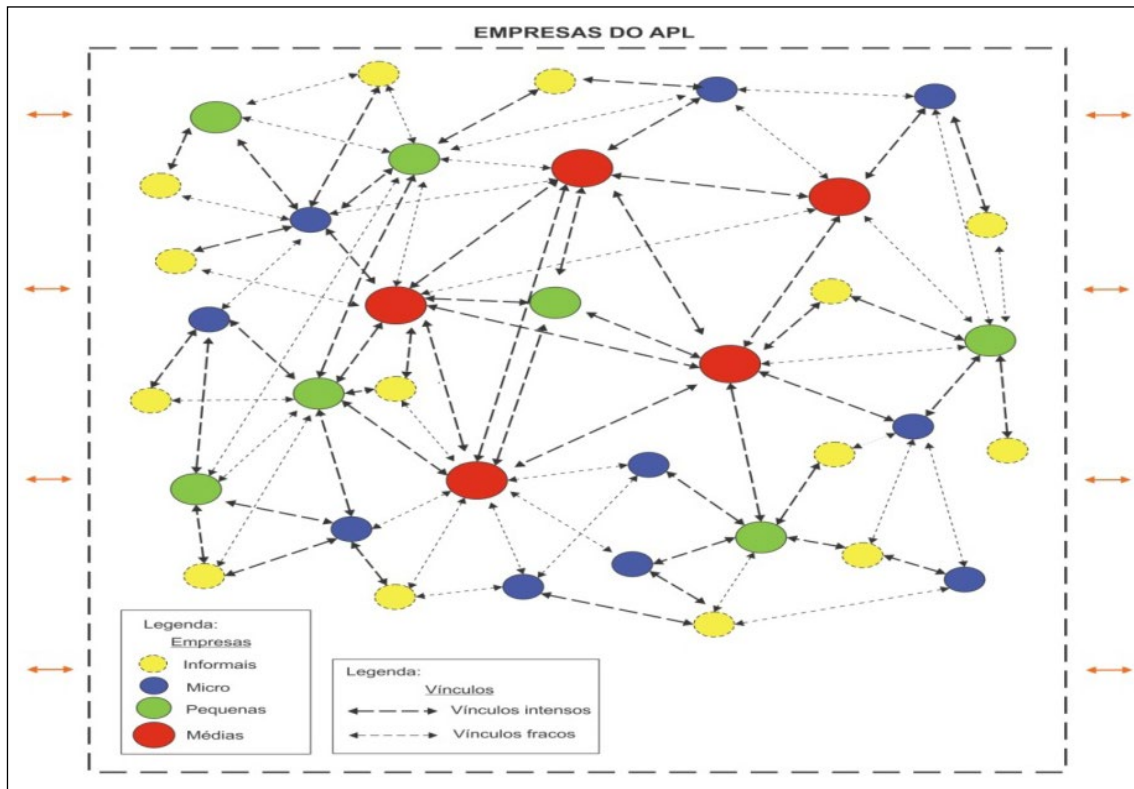
Ao se chegar ao final da apresentação dos seis elementos constitutivos do processo da AIO, convém salientar que tanto a confiança quanto a cooperação são entendidas como elementos primordiais e intimamente relacionados para o acontecimento da AIO, constituindo-se como base para a ocorrência dos outros elementos constitutivos do processo. Há uma espécie de dependência circular: a confiança serve como requisito para a ocorrência da cooperação, assim como a cooperação proporciona a confiança. Deste modo, apresenta-se, na próxima seção, o *framework* para análise do processo da AIO em contexto de APLs, tendo como base teórica o trabalho nessas duas últimas seções.

PROPOSIÇÃO DE *FRAMEWORK* PARA A ANÁLISE DA APRENDIZAGEM INTERORGANIZACIONAL EM ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Apresenta-se o esquema conceitual analítico desenvolvido para a análise do processo da AIO em APLs, com base nos eixos teóricos delineados nas seções anteriores: 1) contexto das relações interorganizacionais em APLs; 2) AIO em contexto de APLs.

Então, na lógica da apresentação processual do *framework*, inicia-se com a disposição do contexto relacional entre empresas e empreendimentos que podem fazer parte de um APL (Figura 1). Para tal constituição, utilizaram-se os estudos de Oliver (1990), que define o contexto de relações interorganizacionais como sendo transações, fluxos e ligações relativamente duradouros que ocorrem entre uma organização e uma ou mais organizações no seu ambiente.

Figura 1 – Contexto relacional entre empresas e empreendimentos de portes diversos



Fonte: Elaborada pelas autoras.

A Figura 1 destaca os relacionamentos interorganizacionais mantidos entre as diferentes empresas e empreendimentos informais num APL, podendo ocorrer por meio de vínculos mais fracos ou mais intensos, conforme demonstra a representação gráfica; também se consideram as características gerais das indústrias (porte e formalidade), procurando evidenciar o fluxo das relações entre elas, como pode ser identificado por meio da legenda. Nesse sentido, segue-se o entendimento de Lastres e Cassiolato (2006), entre outros, no que diz respeito ao focar mais na cooperação do que na configuração dos arranjos, inclusive, como já é recorrentemente tratado na literatura, tais configurações podem possuir empresas de portes variados, até mesmo empreendimentos não legalizados.

Dado o fato de que outros agentes, além das empresas e empreendimentos informais, fazem parte do contexto de um APL, os mesmos são denominados como representações do APL, apresentados, num primeiro momento, por meio do Quadro 2, no qual está descrito cada um dos agentes que podem estar presentes em uma configuração desse tipo. Como referem Lastres e Cassiolato (2006), os APLs são entendidos como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais que apresentam vínculos entre si, nas suas variadas formas de representação e associação.

Tais agentes estão representados no Quadro 2 por meio de cores, facilitando a sua exposição, *a posteriori*, no *framework*. A cor azul representa as empresas, empreendimentos e clientes; a púrpura, os fornecedores; a cor cinza as assessorias e consultorias diversas; a vermelha, os órgãos públicos; a verde, os centros de pesquisa e de ensino; e a cor amarela, as associações e representações de classe.

Quadro 2 – Descrição dos agentes econômicos, políticos e sociais no contexto de um APL

AGENTES QUE COMPÕEM UM APL	IDENTIFICAÇÃO
Empresas	Organizações formais de micro, pequeno e médio porte que atuam na industrialização e na comercialização.
Empreendimentos informais	Organizações informais de micro, normalmente de porte menor, que atuam na industrialização e na comercialização.
Clientes	Compradores de bens ou serviços.
Produtores rurais	Pessoas que geram produtos no campo.
Fornecedores de insumos	Empresas que fornecem elementos ou conjunto de elementos diversos para a produção de determinados bens ou serviços.
Instituições financeiras	Bancos públicos e privados
Consultorias e assessorias	Profissionais que prestam auxílio técnico diversos nas mais variadas áreas das empresas e empreendimentos.
Entidades de apoio	Entidades diversas que prestam apoio às micro e pequenas empresas.
Governo municipal	Órgão municipal representado pela Prefeitura
Governo estadual	Secretarias diversas que representam o governo de um Estado.
Governo federal	Diversos órgãos representativos do governo federal.
Pesquisa e fomento	Centros de pesquisa e desenvolvimento tecnológico.
Instituições de ensino	Tais instituições podem ser tanto de Ensino Superior, atuando mais efetivamente por meio de projetos de pesquisas científicas e atividades de extensão, quanto de Ensino Técnico Profissionalizante.
Instituições de apoio	Instituições de apoio que atuam na formação de mão de obra tanto individualmente quanto por meio de parcerias.
Associações de classe	Associações de classe que representam determinado setor. A exemplo, os sindicatos.
Cooperativas	Cooperativa é uma associação de pessoas com interesses comuns, economicamente organizadas de forma democrática, isto é, contando com a participação livre de todos e respeitando direitos e deveres de cada um de seus cooperados, aos quais presta serviços sem fins lucrativos.
ONGs	Organizações não governamentais sem fins lucrativos, constituídas de maneira formal e autonomamente, caracterizada por ações de solidariedade no campo das políticas públicas e pelo legítimo exercício de pressões políticas em proveito de populações excluídas das condições da cidadania.

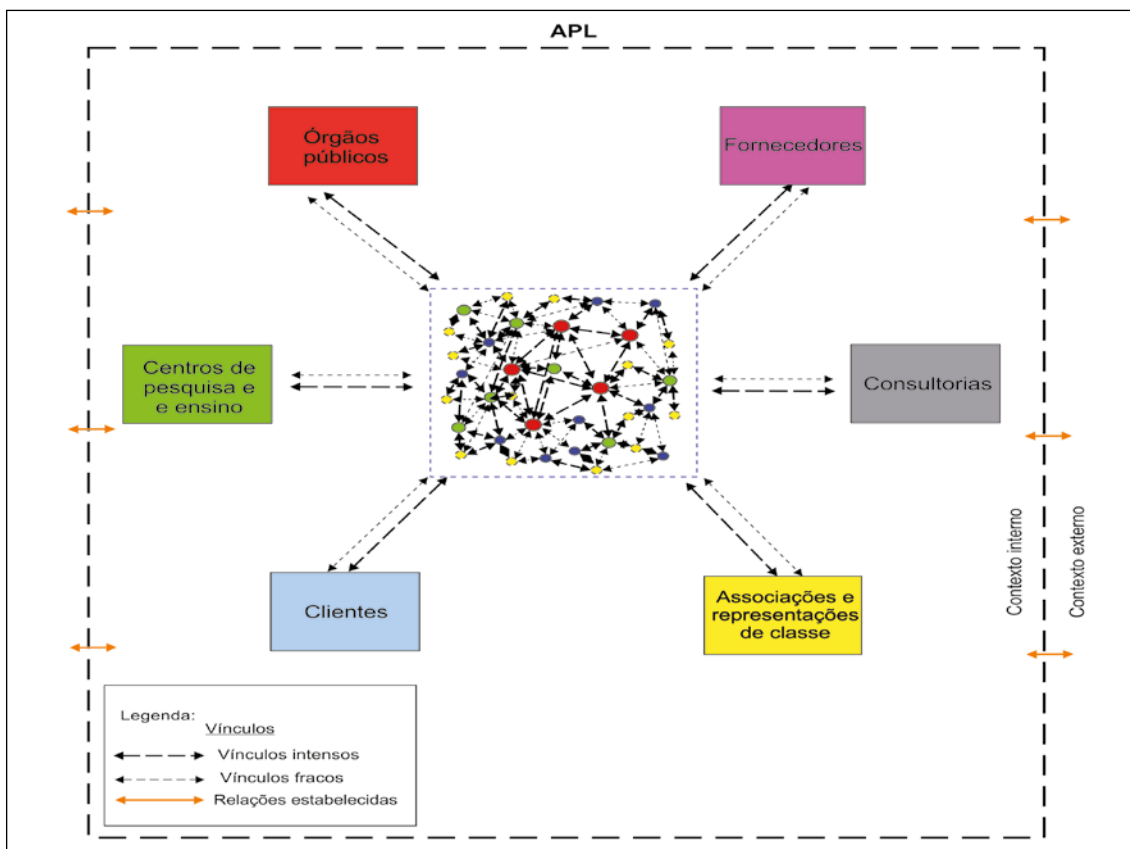
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dada a descrição dos diferentes agentes que podem fazer parte de um APL, a dinâmica desse está representada na Figura 2, a qual, visando a melhor entendimento dos relacionamentos entre os agentes no contexto, demonstra as relações interorganizacionais entre empresas e empreendimentos de portes diversos num APL, representadas na posição central do esquema analítico, justamente em razão de que todo e qualquer APL só existe com a presença dessas. As empresas e empreendimentos, contudo, *não se encontram “fechadas” entre si, como pode supor a representação no “agrupamento”,*

mas estão alocadas em todo o contexto do APL, algumas ocupando posições mais centrais (normalmente as maiores), enquanto outras mais periféricas (normalmente as menores e informais).

Para a representação gráfica do contexto de um APL (Figura 2) utiliza-se como base os estudos da RedeSist, sobretudo Lastres e Cassiolato (2003). Dessa forma, muitas terminologias utilizadas também apresentam a mesma origem, a exemplo da designação de vínculos fracos e vínculos intensos. Como referem Lastres e Cassiolato (2006), um APL constitui-se num conjunto de empresas articuladas e diferentes agentes econômicos sociais e políticos que mantêm vínculos tangíveis e intangíveis entre si, sejam fracos ou intensos, configurando-se em aglomerações espaciais. Em lógica semelhante e complementar, Villela e Pinto (2009) tratam os APLs como uma rede de empresas aglomeradas em um território, a qual conta com produção específica e apoio de instituições diversas. A Figura 2 compreende, portanto, os diferentes agentes econômicos, políticos e sociais que podem compor o contexto de um APL, os quais estão descritos no Quadro 2.

Figura 2 – Relações interorganizacionais entre os diferentes agentes num APL



Fonte: Elaborada pelos autores.

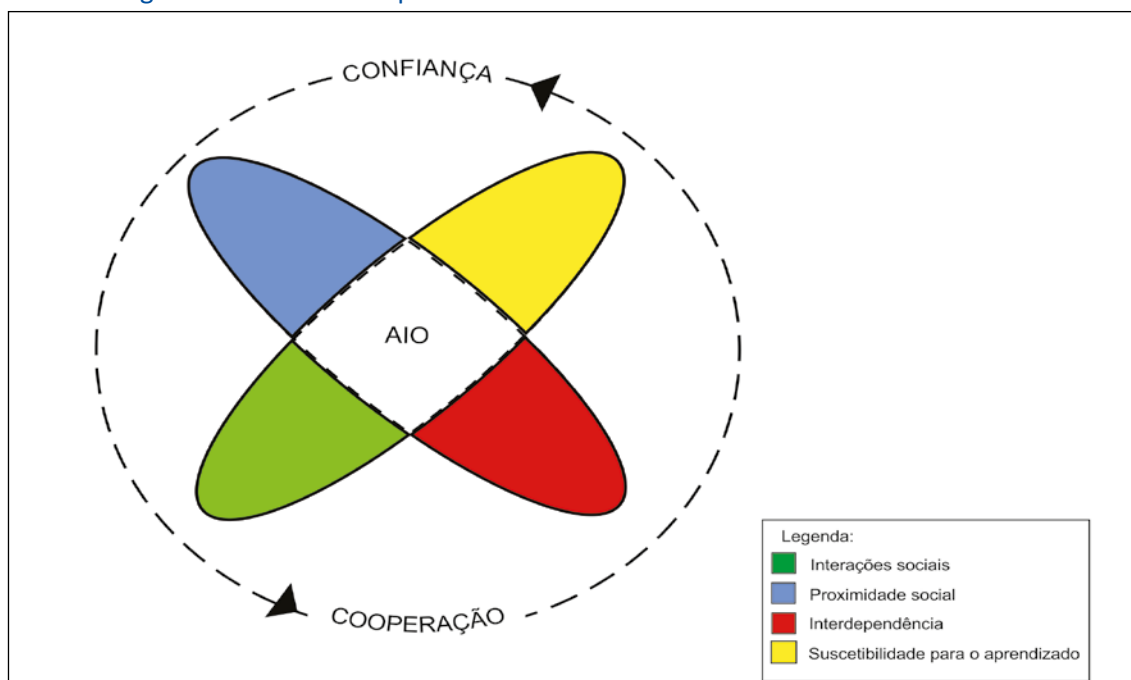
Por mais que se tenha seguido a orientação teórica descrita para a representação da Figura 2, procurando-se apresentar os diferentes agentes que podem fazer parte de uma configuração desse tipo, cabe salientar que nem todo o APL conta com todos esses agentes, além de que ocorrem variações quanto à quantidade e os tipos de agentes econômicos, políticos e sociais. Também se admite que há variações nas formas de relacionamentos, ocorrendo num contexto bem-particular próprio de cada APL, o qual é

permeado por questões históricas, políticas e culturais. Ainda em relação ao contexto interno de um APL, a exemplo dos relacionamentos interorganizacionais apresentados na Figura 1, aqui se demonstra os diferentes relacionamentos entre as diversas empresas e empreendimentos informais de um APL com os variados agentes econômicos, políticos e sociais presentes no contexto. Na mesma lógica, os relacionamentos podem ocorrer por meio de vínculos mais fracos ou mais intensos, conforme salientam Lastres e Cassiolato (2006), e que é demonstrado na representação gráfica.

Quanto ao contexto externo, entende-se toda e qualquer interligação (as quais estão sendo representadas na Figura por setas contínuas em cor laranja) que ocorre fora do APL propriamente dito, podendo algumas ser mais próximas e outras mais distantes. Tais relações estabelecidas interferem no contexto do APL (contexto interno), assim como o APL impacta no contexto externo.

Ciente de que as relações entre os diferentes agentes em contexto de APLs ocorrem numa dinâmica de reciprocidade na maioria das vezes, cabe a explicitação do processo AIO que acontece em tais relações. A Figura 3, portanto, é construída tendo como base o constructo que dispõe os seis elementos constitutivos do processo da AIO (Quadro 1).

Figura 3 – Dinâmica do processo da AIO com os seus elementos constitutivos

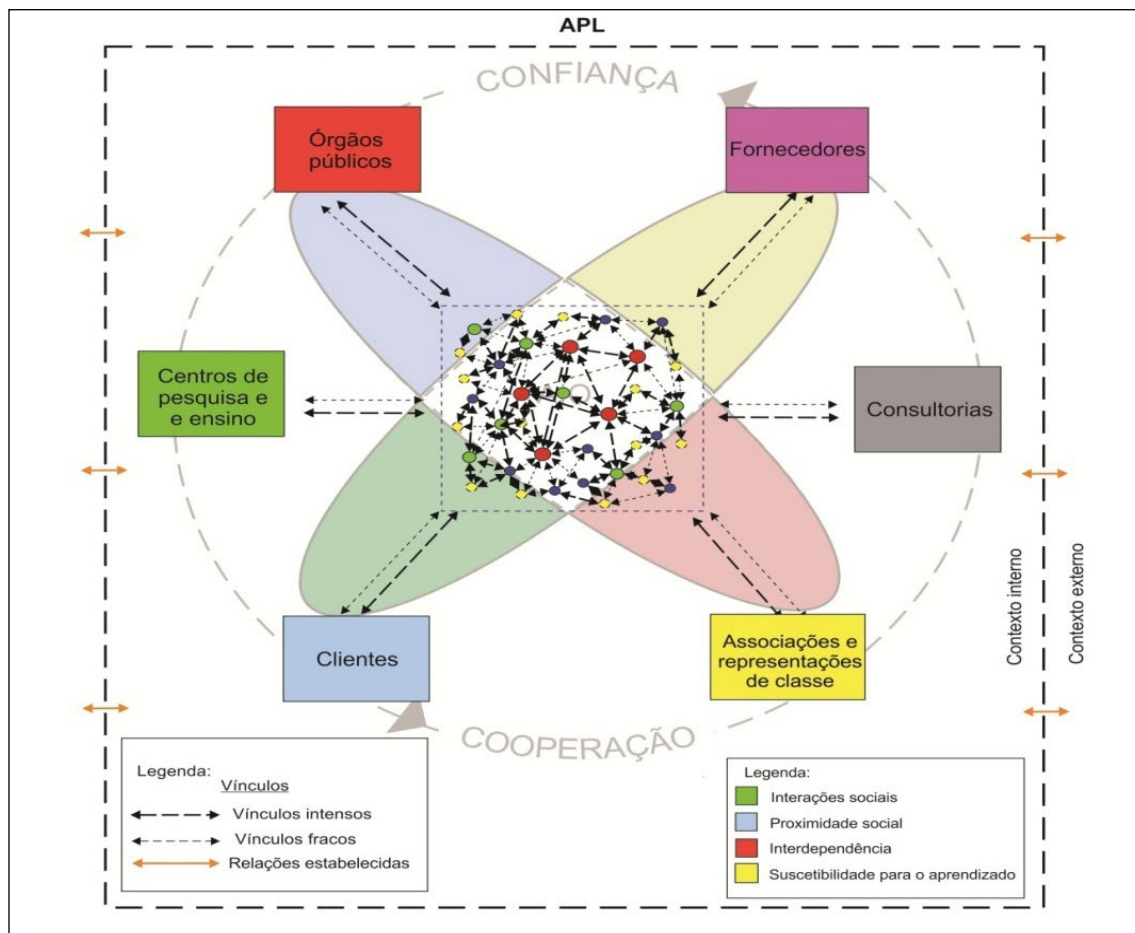


Fonte: Elaborada pelos autores com base no constructo do Quadro 1.

A Figura 3 tem como base uma elipse para a representação do processo da AIO com os seis elementos constitutivos delineados para o seu entendimento, configurando o constructo para melhor compreensão do processo da AIO. Explicitando, cabe salientar que a confiança e a cooperação encontram-se numa íntima relação, envolvendo a elipse que comporta os outros quatro elementos constitutivos da AIO, os quais estão representados por cores diferenciadas como se observa na Figura. Com tal representação gráfica, almeja-se deixar evidente que os elementos constitutivos da AIO (composição da AIO) encontram-se em processo dinâmico de interligação, não havendo uma separação clara entre eles, como a Figura pode sugerir num primeiro momento.

Com base no exposto, apresenta-se o esquema conceitual analítico para compreensão do processo da AIO em contexto de APL (Figura 4). O *framework* é elaborado com base nas Figuras 2 e 3, e esta última contempla o constructo do processo da AIO e os elementos constitutivos que facilitam o entendimento de sua ocorrência e do seu processo ao serem analisados nas atividades cotidianas. Tais atividades ocorrem nos diferentes espaços sociais de aprendizagem (estruturados e não estruturados) que proporcionam o estabelecimento de relacionamentos entre os diferentes agentes num APL, propiciando a ocorrência dos episódios de aprendizagem, no sentido proposto por Knight e Pye (2005) e Mozzato e Bitencourt (2014).

Figura 4 – *Framework* para a compreensão da dinâmica do processo da AIO em APLs



Fonte: Elaborada pelos autores com base nas Figuras 2 e 3.

Em termos de representação gráfica, a Figura 4 contempla a sobreposição da Figura 2 na Figura 3. Tal sobreposição mostra que o processo da AIO pode estar ocorrendo em tal contexto, com maior ou menor intensidade entre os diferentes agentes da configuração, por meio das relações interorganizacionais. Em outras palavras, como salientam Hedberg e Holmqvist (2001), em tais aglomerações produtivas as plataformas de aprendizagem se multiplicam. Em sentido semelhante, Lubatkin, Florin e Lane (2001) destacam a cooperação entre os diferentes agentes como elemento central para a aprendizagem e desenvolvimento de conhecimentos, num processo de aprendizagem contínua.

O *framework* proposto compreende os diversos espaços sociais (estruturados e não estruturados) oriundos das diferentes relações estabelecidas entre os distintos agentes, os quais possibilitam a ocorrência de episódios de aprendizagem, que somente vão comportar a ocorrência da AIO ao serem facilitados pela presença dos seis elementos constitutivos da mesma (Figura 3): a confiança e a cooperação formando a base para a ocorrência das proffcuas interações sociais, promovendo a proximidade social, instigando a interdependência e, por fim, levando a suscetibilidade ao aprendizado.

Assim, os episódios de aprendizagem advindos das diferentes relações interorganizacionais estabelecidas num APL, devem ser analisados à luz dos seis elementos constitutivos da AIO, indicadores de análise do processo da AIO. Para a análise de tais elementos constitutivos da AIO, no Quadro 1 são apresentadas as referências norteadoras da pesquisa. As ações e interações que ocorrem entre os diferentes agentes em relações interorganizacionais em contexto específico, as quais desencadeiam episódios de aprendizagem, portanto, constituem-se em foco para a análise do processo da AIO, na visão relacional do APL. Ou seja, a análise não pode se voltar apenas para a cognição e sim para uma análise relacional, social e comportamental, uma vez que se entende a AIO dessa maneira, segundo Greve (2005).

Vale destacar que a validade do referido *framework* reside também e, principalmente, quando se verifica a ocorrência dos episódios de aprendizagem nos diferentes espaços sociais, analisando a importância deles para os agentes envolvidos, justamente no fluxo de atividades que compõe o dia a dia de trabalho, considerando o contexto social, como teorizam Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) e Sandberg e Tsoukas (2011).

Entende-se que, com a busca de uma maior compreensão do processo da AIO em contexto de APL, os diferentes agentes envolvidos podem criar uma base para a troca de informações e saberes, contribuindo, assim, para o fortalecimento do trabalho colaborativo entre eles, impelindo a criação de outros diferentes espaços sociais que levem à ocorrência de episódios de aprendizagem. *É justamente nesse processo que inovações, novos saberes e novos conhecimentos vão sendo incorporados e trabalhados, gerando a AIO e ganhos aos envolvidos e, por consequência, promovendo maior desenvolvimento local* no sentido salientado por Dias (2011) e Vizeu, Guarido Filho e Gomes (2013).

Salienta-se que somente se entende como legítimo o desenvolvimento local com base na sustentabilidade. Nessa lógica, acredita-se na necessidade de se trabalhar as alianças estratégicas, inclusive APLs, “para além do olhar econômico” enfatizado por Vizeu, Guarido Filho e Gomes (2013). Nesse sentido, afirmam Alvarenga et al. (2013, p. 18): “torna-se necessária uma evolução das discussões em torno dos APLs que incorpore ponderações acerca de tais dimensões”, incluindo as pessoas, o social e o ambiental, além do desempenho financeiro na criação de valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste ensaio teórico, apresenta-se a proposição do esquema conceitual analítico para a melhor compreensão do processo da AIO em contexto de APL, objetivo delineado inicialmente. Com os resultados desta pesquisa, portanto, contribui-se para o avanço da compreensão das relações interorganizacionais, sobretudo em APLs, bem como para o conhecimento existente da AO na área dos estudos organizacionais, uma vez que contempla o nível de análise menos explorado, o interorganiza-

cional. A pesquisa se reveste de relevância na medida em que contribui com o estudo em profundidade relacionado a AIO em contexto de APLs, colaborando com as pesquisas sobre estratégias interorganizacionais.

O valor do *framework* proposto reside no fato de procurar facilitar a compreensão do processo da AIO, salientando a importância da mesma nos ambientes de relações interorganizacionais, sobretudo em APLs. Como há consenso de que os estudos sobre AIO são importantes para o desenvolvimento competitivo de diferentes configurações organizacionais, culminando, inclusive, em desenvolvimento local, entende-se estar contribuindo com os estudos que tenham como objetivo a melhor compreensão das relações de diferentes agentes num APL e a sua implicação na AIO, e, ainda, o próprio processo da AIO.

Este trabalho contribui com a lacuna teórica ao ampliar a compreensão da AIO, campo de análise emergente e em construção, sobretudo em APLs. A análise se dá na visão relacional dinâmica do APL que, por meio de espaços sociais estruturados e não estruturados (a estrutura para a ocorrência da AIO), possibilita a ocorrência de episódios de aprendizagem (o processo da AIO), permitindo que se desenvolva a análise dos elementos constitutivos do processo da AIO (a composição da AIO): confiança, cooperação, proximidade social, interações sociais, interdependência e suscetibilidade para o aprendizado.

A aplicação do *framework* proposto poderá ser útil para diversas configurações que mantêm relações interorganizacionais horizontais, sobretudo APLs, em razão de tal direcionamento. Nessa perspectiva se espera que esta pesquisa contribua para a melhor compreensão e o desenvolvimento da AIO em diferentes APLs, trazendo benefícios sobretudo para as micro e pequenas empresas e para o desenvolvimento socioterritorial. Mesmo com a indicação da relevância de estudos sobre APLs e a interferência das questões regionais para melhorar o entendimento dos processos de aprendizagem (YEUNG, 2008), há muito a ser investigado, especialmente em relação às peculiaridades dos países em desenvolvimento (GEDDES, 2008; ALVES et al., 2015), como o Brasil (AMATO NETO, 2000; TATSCH, 2006).

Sugere-se, também, a aplicação do *framework* proposto em APLs de segmentos diversos e em localidades distintas, inclusive em estudos de casos comparativos entre APLs do mesmo setor. Outra sugestão pertinente consiste na adaptação e aplicação deste em outras formas de aglomerações produtivas (*clusters*, redes, polos, etc.), dada a similaridade entre elas. Por fim, destacando a contínua necessidade de estudos mais aprofundados em relação ao processo da AIO e dos relacionamentos interorganizacionais, crê-se que pesquisas empíricas em diferentes configurações interorganizacionais, envolvendo a AIO, para além do olhar econômico, como preconizam Vizeu, Guarido Filho e Gomes (2013) e Alvarenga et al. (2013), fazem-se necessárias. Ciente de que a pesquisa científica caracteriza-se por pequenos avanços que vão sendo agregados a outros, as contribuições aqui apresentadas podem permitir aberturas e novas linhas de pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. S. et al. On the role of university in the promotion of innovation: exploratory evidences from a university-industry cooperation experience in Brazil, *Interorganizational Journal of Innovation and Learning*, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2015.

ALVES, J. N. et al. Redes de cooperação de pequenas e médias empresas: os fatores competitivos aplicados em uma rede de imobiliárias. *Gestão & Regionalidade*, São Caetano do Sul, v. 26, n. 78, p. 18-35, 2010.

- ALVARENGA, R. A. M. et al. Arranjo produtivo local e desenvolvimento sustentável: uma relação sinérgica no município De Marco (CE). *Rev. Adm. Mackenzie – RAM*, v. 14, n. 5, p. 15-43, 2013.
- AMATO NETO, J. A. *Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas*. São Paulo: Atlas, 2000.
- BACHMANN, R.; ZAHEER, A. Trust in inter-organizational relations. In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C. *The Oxford Handbook of Inter-Organizational Relations*. Oxford: University Press, 2008.
- BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. *Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia*. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- BERGH, P.; THORGREN, S.; WINCENT, J. Entrepreneurs learning together: The importance of building trust for learning and exploiting business opportunities. *International Entrepreneurs Management*, v. 7, p. 17-37, 2011.
- BRANDENBURGER, A.; NALEBUFF, B. *Co-operação*. São Paulo: Rocco, 1996.
- CAPDEVILA, I. Different inter-organizational collaboration approaches in coworking spaces in Barcelona. *Egos*, Athens 2015, subtheme 49 “Organizing organizations: Dynamics and Variation”, 2015.
- CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Orgs.). *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. São Paulo: Relume Dumará, 2003.
- CHILD, J. Learning through strategic alliances. In: DIERKES, M. et al. (Ed.). *Handbook of Organizational Learning & Knowledge*. New York, NY: Oxford University Press, 2001, p. 657-679.
- COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. Absorptive capacity: a new perspective on learning and innovation. *Administrative Science Quarterly*, v. 35, p. 128-152, 1990.
- CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: Where is the bandwagon of practice-based studies. *Management Learning*, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010.
- CROSSAN, M. M.; MAURER, C. C.; WHITE, R. E. Reflections on the 2009 AMR decade award: do we have a theory of organizational learning? *The Academy of Management Review*, v. 36, n. 3, p. 446-460, 2011.
- DACIN, T.; REID, D.; RING, P. S. Alliances and joint ventures: the role of partner selection from an embeddedness perspective. In: CROPPER, S. e al. (Ed.). *Inter-Organizational Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DIAS, C. N. Arranjos produtivos locais (APLs) como estratégia de desenvolvimento. *Desenvolvimento em Questão*, Ijuí: Ed. Unijuí, v. 9, n. 17, p. 93-122, 2011.
- DIERKES, M. et al. *Handbook of Organizational Learning and Knowledge*. New York, NY: Oxford University Press, 2001.
- DYER, J. H.; SINGH, H. The relational view: cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. *The Academy of Management Review*, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998.
- EASTERBY-SMITH, M.; LYLES, M. *The blackwell handbook of organizational learning and knowledge management*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- EBERS, M.; JARILLO, C. The construction, forms, and consequences of industry networks. *International Studies of Management & Organization*, v. 27, p. 3-21, 1998.
- ENGESTRÖM, Y.; KEROSUO, H. From workplace learning to inter-organizational learning and back: the contribution of activity theory. *Journal of Workplace Learning*, v. 19, n. 6. p. 336-342, 2007.
- ESTIVALETE, V. F. B.; PEDROZO, E.; BEGNIS, H. Em busca da ação coletiva: estratégias de aprendizagem interorganizacional adotadas pelas organizações que estabelecem relacionamentos horizontais em redes. *Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos – Base*, v. 5, n. 3, p. 224-235, 2008.
- FACCIN, K.; BALESTRIN, A. Práticas colaborativas em P&D: um estudo na indústria brasileira de semicondutores. *RAM – Rev. Adm. Mackenzie*, v. 16, n. 6, Edição Especial, p. 190-219, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n6p190-219>
- FROZZA, M. S.; TATSCH, A. L. Inovação, cooperação e aprendizagem nas empresas produtoras de biodiesel no Rio Grande do Sul. *Ensaio FEE*, v. 33, Número Especial, p. 887-908, 2013.
- GEDDES, M. Inter-organizational relationships in local and regional development partnerships. In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C. *The Oxford Handbook of Inter-Organizational Relations*. Oxford: University Press, 2008.
- GREVE, H. R. Inter-organizational learning and social structure. *Organization Studies*, v. 26, p. 1.025-1.047, 2005.
- GURIZATTI, P. O nordeste italiano: nascimento de um novo modelo de organização. In: URANI, A. et al. *Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

- HARDY, C.; PHILLIPS, N.; LAWRENCE, T. B. Resources, Knowledge and Influence: the organizational effects of interorganizational collaboration. *Journal of Management Studies*, v. 40, n. 2, p. 321-347, 2003.
- HEDBERG, B.; HOLMQVIST, M. Learning in imaginary organizations. In: DIERKES, M. et al. (Ed.). *Handbook of Organizational Learning & Knowledge*. New York, NY: Oxford University Press, 2001. p. 733-752.
- HIBBERT, P. et al. Barriers to process learning: Authority and anomie in regional clusters. *Management Learning*, v. 41, n. 4, p. 453-471, 2010.
- HUMAN, S. E.; PROVAN, K. G. An emergent theory of structure and outcomes in small-firm strategic networks. *Academy of Management Journal*, v. 40, n. 2, p. 368-403, 1997.
- HUXHAM, C.; BEECH, N. Inter-organizational Power. In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C. *The Oxford Handbook of Inter-Organizational Relations*. Oxford: University Press, 2008. p. 555-579.
- INKPEN, A. C.; TSANG, E. W. K. Learning and Strategic Alliances. *The Academy of Management Annals*, v. 1, n. 1, p. 479-511, 2007.
- INKPEN, A. C.; BEAMISH, P. W. Knowledge, bargaining power, and the instability of international joint ventures. *Academy of Management Review*, v. 22, p.177-202, 1997.
- JARILLO, J. C. *Strategic Networks: creating the borderless organization*. Oxford: Utterworth-Heinemann, 1993.
- JORDE, T. M.; TEECE, D. J. Competition and cooperation: striking the right balance. *Business & Public Policy*, spring 1989.
- KNIGHT, L.; PYE, A. Network learning: an empirically derived model of learning by groups of organizations. *Human Relations*, v. 58, n. 3, p. 369-392, 2005.
- KNIGHT, L. Network learning: exploring learning by interorganizational networks. *Human Relations*, v. 55, p.427-454, 2002.
- KIRSCHBAUM, C.; HOELZ, J. C. A confiança em situações ambivalentes e incongruentes: a utilização de vinhetas como método exploratório. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie*, v. 15, n. 3, p. 42-68, jun. 2014.
- LANE, P. J.; LUBATKIN, M. Relative absorptive capacity and interorganizational learning. *Strategic Management Journal*, v. 19, p. 461-477, 1998.
- LANE, P.; SALK, J.; LYLES, M. Absorptive Capacity. Learning and performance in international joint venture. *Strategic Management Journal*, v. 22, n. 12, p. 1.139-1.161, 2001.
- LARSSON, R. et al. The Interorganizational Learning Dilemma: Collective Knowledge Development in Strategic Alliances. *Organization Science*, v. 9, n. 3, p. 285-305, 1998.
- LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. (Org.). *Glossário de arranjos produtivos locais: projeto, políticas, promoção de arranjos produtivos locais de MPME*. Rio de Janeiro: UFRJ; IE; RedeSist, 2003. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/redesist>. Acesso em: 17 jul. 2009.
- _____. *Rede de pesquisa em sistemas produtivos e inovações locais, glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovações locais*. Rio de Janeiro: IE; UFRJ; Sebrae, 2006. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/redesist>. Acesso em: jul. 2010.
- LEÃO, A. L. M. S. et al. O *habitus* de uma rede em expansão: a disposição do arranjo vitivinícola do Vale do São Francisco. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios – RBGN*, v. 15, n. 46, p. 39 -55, 2013.
- LIU, R. Management learning in business networks: The process and the effects. *Management Learning*, v. 46, n. 3, p. 337-360, 2015. DOI: 10.1177/1350507614537019
- LUBATKIN, M.; FLORIN, J.; LANE, P. Learning together and apart: a model of reciprocal interfirm learning. *Human Relations*, p. 54, n. 10, p. 1.353-1.382, 2001.
- LUI, S. S. The roles of competence trust, formal contract, and time horizon in interorganizational learning, *Organization Studies*, v. 30, p. 333-353, 2009.
- LUNDVALL, B-A (Ed.). *National innovation systems: towards a theory of innovation and interactive learning*. London: Pinter, 1992.
- MOHR, J. SENGUPTA, S. Managing the paradox of interfirm: the role of governance mechanisms. *The Journal of Business et Industrial Marketing*, v.17, n. 4, p.282-302, 2002.
- MOZZATO, A. R.; BITENCOURT, C. C. Understanding Interorganizational Learning Based on Social Spaces and Learning Episodes. *BAR – Brazilian Administration Review*, v. 11, n. 3, p. 284-301, 2014.
- _____. The process of interorganisational learning in the context of spatial agglomeration. *International Journal of Innovation and Learning*, v. 24, n. 2, p. 176 -199, 2018.
- MÜLLER-SEITZ, G.; GÜTTEL, W. Toward a choreography of congregating: a practice-based perspective on organizational absorptive capacity in a semiconductor industry consortium. *Management Learning*, v. 45, n. 4, p. 477-497, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/1350507613497323>>.

- MUTHUSAMY S. K.; WHITE, M. A. Learning and knowledge transfer in strategic alliances: a social exchange view. *Organization Studies*, v. 26, n. 3, p. 415-441, 2005.
- NOGUEIRA, R. A.; ODELIUS, C. C. Desafios da pesquisa em aprendizagem organizacional. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 13, n. 1, p. 83-102, 2015.
- NOOTEBOOM, B. Learning and innovation in inter-organizational relationships. In: CROPPER, S; EBERS, M.; HUXHAM, C. *The Oxford Handbook of inter-organizational relations*. Oxford: University Press, 2008.
- OLIVER, C. Determinants of interorganizational relationships: Integration and future directions. *Academy of Management Review*, v. 15, n. 2, p. 241-265, 1990.
- POWELL, W. Learning from collaboration: knowledge and networks in the biotechnology and pharmaceutical industries. *California Management Review*, Berkeley, v. 40, p. 228-240, 1998.
- REDESIST. *Glossário sobre arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>><http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- REIS, A. P. *A dinâmica da aprendizagem em arranjos produtivos locais: um estudo de rede de conhecimento das pequenas e médias empresas de software na construção de suas capacitações*. 2008. 258 p. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SANDBERG, J.; TSOUKAS, H. Grasping the logic of practice: theorizing through practical rationality. *Academy of Management Review*, v. 36, n. 2, p. 338-360, 2011.
- SCHILD, H.; KEIL, T.; MAULA, M. The temporal effects of relative and firm-level absorptive capacity on interorganizational learning. *Strategic Management Journal*, v. 33, n. 10, p. 1.154-1.173, 2012.
- SCHMITZ, H. Collective efficiency: growth path for small-scale industry. *The Journal of Development Studies*, v. 31, n. 4, p. 529-566, 1995.
- SOUZA, G. H. S. et al. A influência das redes de cooperação no desenvolvimento de micro e pequenas empresas (MPES). *Desenvolvimento em Questão*, Ijuí: Ed. Unijuí, n. 31, p. 259-294, 2015.
- TATSCH, A. L. A dimensão local e os arranjos produtivos locais: conceituações e implicações em termos de políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico. *Ensaio FEE*, v. 27, n. 2, p. 279-300, 2006.
- TAHIM, E. F.; ARAÚJO JUNIOR, I. F. Mecanismos de aprendizagem, cooperação e inovação em aglomerações produtivas: o caso da indústria de móveis de Marco. *Ensaio FEE*, v. 36, n. 3, p. 541-568, 2015.
- VERSCHOORE FILHO, J. R. S. et al. Introdução ao fórum sobre alianças estratégicas e redes de alianças. *Revista de Administração Mackenzie – RAM*, v. 15, n. 3, p. 14-18, 2014.
- _____. Como a gestão das redes estratégicas regionais afeta os ganhos proporcionados às pequenas empresas associadas. *Gestão & Regionalidade*, v. 32, n. 94, p. 131-146, 2016.
- VERSCHOORE FILHO, J. R. S. et al. The evolution of collaborative practices in small-firm networks: a qualitative analysis of four Brazilian cases. *International Journal of Management Practice*, v. 8, n. 2, 2015. DOI: 10.1504/IJMP.2015.071691
- VIZEU, F.; GUARIDO FILHO, E. R.; GOMES, M. A. Para além do olhar econômico nas alianças estratégicas: implicações sociológicas do caso Unihotéis. *Revista de Administração Mackenzie – RAM*, v. 14, n. 3, p. 15-43, 2013.
- VILLELA, L. E.; PINTO, M. C. S. Governança e gestão social em redes empresariais: análise de três arranjos produtivos locais (APLs) de confecções no Estado do Rio de Janeiro. *Revista de Administração Pública – RAP*, v. 43, n. 5, p. 1.067-1.089, 2009.
- WEGNER, D. Aprendizagem interorganizacional: um estudo das redes horizontais de pequenas empresas. In: ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. *Aprendizagem organizacional no Brasil*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- WEGNER, D.; KOETZ, C. I.; WILK, E. O. Social capital in Brazilian small-firm networks: the influence on business performance. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, v. 20, n. 4, p. 446-461, 2013.
- WEGNER, D. et al. The dynamics of cooperation: proposal of a life cycle model of small-firm networks. *Gestão & Regionalidade*, v. 32, n. 94, p. 118-130, 2016.
- _____. Management practices of small-firm networks and the performance of member firms. *Business: Theory and Practice*, v. 18, p. 197-207, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3846/btp.2017.021>
- YEUNG, H. W. Perspectives on inter-organizational relations in economic geography. In: CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C. *The Oxford Handbook of Inter-Organizational Relations*. Oxford: University Press, 2008.
- ZACCARELLI, S. B. et al. *Clusters e redes de negócios: uma nova visão para a gestão dos negócios*. São Paulo: Atlas, 2008.
- ZAHEER, A.; GÖZÜBÜYÜK, R.; MILANOV, H. It's the connections: the network perspective in the interorganizational research. *Academy of Management Perspectives*, v. 24, n. 1, p. 62-77, 2010.